

O FALSO PLANO PILOTO (II)



Roupas penduradas quais bandeiras agitadas... A paisagem do Cruzeiro Novo

Cruzeiro quer ser satélite

Seus moradores reclamam que fazem parte do Plano Piloto apenas no papel e pedem mudanças

EDUARDO FRANKLIN

O Cruzeiro (Novo e Velho), o Guarará (I e II) e o Núcleo Bandeirante, verdadeiros "bairros" de Brasília, continuam vivendo seus eternos dramas: fazem parte, realmente, do Plano Piloto, ou são apenas cidades-satélites mal-assistidas? Seus moradores não escondem que se acham prejudicados e dizem que o governo dá assistência apenas ao Plano, à parte central da cidade, onde moram as pessoas de renda mais alta. Muitos preferem, inclusive, que esses "bairros" sejam considerados logo satélites para terem um pouco mais de autonomia e, conseqüentemente, verbas especiais. A partir de hoje, o **Correio Braziliense**, numa série de três reportagens, começa a mostrar como vivem atualmente essas comunidades, quais são suas dificuldades e reivindicações.

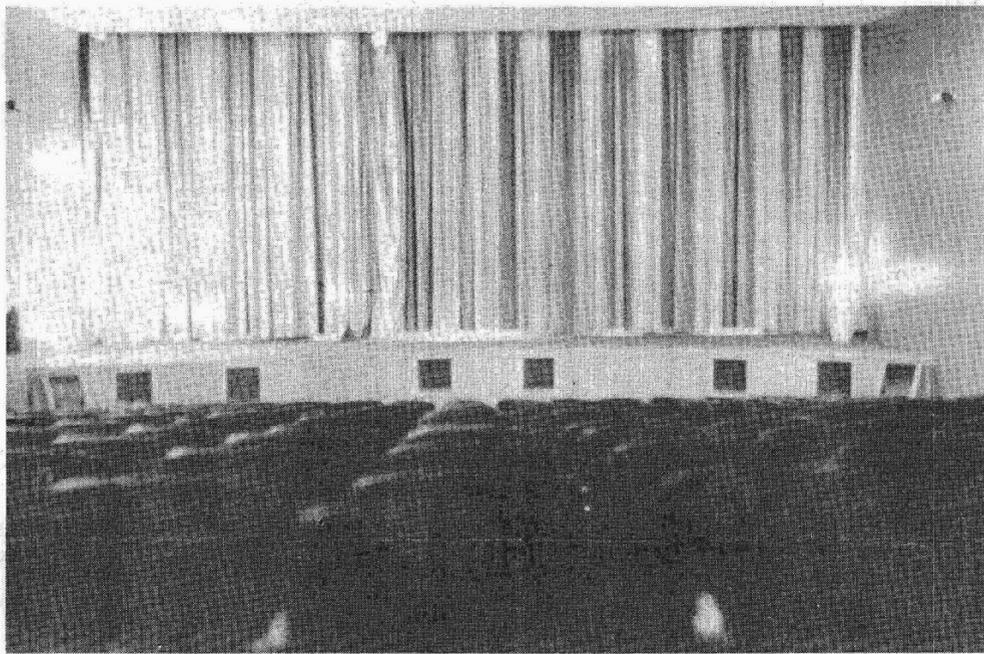
Os moradores do Cruzeiro Novo e do Cruzeiro Velho não sabem até hoje se aqueles núcleos habitacionais, construídos ainda durante a fundação de Brasília, fazem parte do Plano Piloto ou se são cidades-satélites. Segundo um comerciante local, "nós somos Plano Piloto só no Mapa", referindo-se ao abandono que aqueles conjuntos se encontram "chegando a lembrar em certos pontos, o horroroso Setor P, em Taguatinga", completou ele.

Já existe um movimento para transformar os Cruzeiros em cidade-satélite, "porque assim pelo menos teremos uma administração regional, com verbas do GDF, e um canal para nossas reivindicações que até hoje caíram no vazio", diz Antonio Carlos, residente há 11 anos no Cruzeiro Velho. Ele admite que "como não podia deixar de ser, as coisas estão melhorando", mas observa que ainda falta muita coisa "para que se torne humanamente habitável".

Os dois Cruzeiros têm problemas distintos, sendo comum a ambos apenas o transporte coletivo deficiente, a total falta de lazer, a urbanização precária e um comércio mal localizado. Enquanto no Cruzeiro Velho a iluminação pública é satisfatória, no Novo os moradores das quadras interiores percorrem uma distância, do ponto do ônibus até seus blocos, no mínimo de 500 metros, em total escuridão. O Cruzeiro Velho, ao contrário do Novo, é todo edificado com casas, o que ao invés de torná-lo mais agradável, traz uma série de problemas. Os blocos do Cruzeiro Novo estão em grande parte "caindo aos pedaços", comentou uma moradora, e não existe passeios, gramados e o comércio, além de não possuir um mínimo de limpeza, cobra preços exorbitantes, como única opção para os moradores.

VELHO

O funcionário da Procuradoria Geral da República, e um dos mais antigos moradores do Cruzeiro Velho, Pedro Fortunato Filho, residente na Quadra 5, Bloco A, casa 3, há 18 anos, conhece de perto os problemas daquele conjunto. No momento estão sendo construídos passeios e foi providenciada a plantação de faixas de grama, "o que só pode ser para inglês ver", entende Fortunato, "porque essas listrinhas de grama com mato no meio, quando vier a chuva, vão virar lagoa". Em sua opinião, "isso aqui sempre foi abandonado pelas autoridades", exemplificando que "até os cabos telefônicos, que na Ceilândia já são subterrâneos, aqui são aéreos". "Por azar", este morador tem sua casa bem em frente a uma rodoviária improvisada pela Viplan, próxima à Delegacia de Roubos e Furtos, "que depois das 23 horas vira a maior bagunça, com os motoristas permanecendo até 20 minutos com o pé no acelerador, não deixando ninguém dormir." Essa "rodoviária" é criticada pelo usuário de transporte coletivo, pois os ônibus às vezes param ali enquanto o motorista vai tomar café, conversar com os colegas, deixando os passageiros irritados, para, no



O cinema foi inaugurado, mas só funcionou normalmente durante um mês



A reclamação dos moradores é antiga: "nós aqui precisamos de autonomia"

final, avisar que todos têm que mudar de carro.

Fortunato e seu vizinho, Raul Bispo dos Santos, estão com problemas de telefone; o primeiro comprou seu aparelho em abril do ano passado, mas instalaram um sistema elétrico, com transformadores, que vive dando defeito. Já Raul Bispo comprou o seu há dois anos, mas "nem a Telebrasil sabe quando vai ser instalado". Outra reclamação desses dois moradores, ambos com filhos menores, "é a total falta de lazer, apesar de haver uma área destinada ao Clube Vizinhança, totalmente tomada pelo matagal e servindo para atividades ilícitas". No Cruzeiro Velho são raros os casos de assalto, talvez pela boa iluminação pública e "porque aqui todo mundo é pobre", afirmou uma costureira.

O esgoto e a água são preocupações constantes dos moradores do Cruzeiro Velho, onde as caixas de dejetos são instaladas dentro das casas, ou nas garagens. Um morador afirmou que "mensalmente a CAESB vem aqui e quebra meu piso, para desentupir o esgoto, não permitindo que eu coloque cerâmica no chão". Outra reivindicação básica do Cruzeiro Velho é a instalação de um posto médico; já que qualquer caso de saúde tem que ser levado ao Hospital de Base.

Um morador que se autodenomina "prioritário", para dizer que foi dos primeiros a chegar. Lembra que "antigamente nós éramos bem servidos de escolas mas, não sei porque, resolveram fechar duas e só deixar uma, para esse mundo de criança que nós temos aqui". Por ser considerado Plano

Piloto, as casas do Cruzeiro Velho não podem ter muros, já que elas estão construídas na área total do terreno, que é de 20 metros por seis de largura. Pedro Fortunato garante que quando chove, "a água entra pela frente e sai pelos fundos da casa, formando uma lama de 30 centímetros de altura". Ele fez uma vala em frente à sua casa mas sabe que "meus vizinhos ficam prejudicados".

O comércio de um modo geral é bastante criticado, principalmente no Cruzeiro Velho, onde as casas comerciais estão a no mínimo um quilômetro da zona residencial. Os moradores consideram a Cobal "a salvação da pátria", mas observam que ela já está pequena para a multidão que para lá se dirige em busca de preços mais acessíveis. As donas-de-casa alegam que no comércio local, além de ser longe, "não se encontra nada, a não ser a única padaria que serve a todo mundo, porque, o resto, é melhor comprar no Plano Piloto", acrescentou Maria das Graças Souza. O comércio ilegal, de fundo de quintal, que "quebrava os nossos galhos", lembra uma moradora, foi destruído, "aumentando nossos problemas com abastecimento".

CRUZEIRO NOVO

Para quem mora no Cruzeiro Novo, a única opção é o comércio improvisado no meio dos blocos, onde limpeza e preço justo são totalmente desconhecidos. A moradora Maria Rosa, mãe de dois filhos, reclama que não existem passeios, praças, "playground" ou qualquer outra diversão para as crianças, que

são obrigadas a brincar nas ruas, correndo sério risco de serem atropeladas. No Mercado Leblon, localizado no centro do Cruzeiro Novo, quadra 307, as donas-de-casa denunciam que além da imundícia que reina, principalmente pelo fato de uma padaria funcionar na mesma loja que o mercado, os preços são exorbitantes "e os comerciantes ainda dizem que nós podemos reclamar na Sunab porque o preço é o que eles querem cobrar".

No Cruzeiro Novo, os roubos e assaltos são mais constantes, ante a falta de iluminação pública e ao matagal que toma conta das redondezas. Uma moradora lembrou que "só vi a polícia aqui no dia que balearam um cidadão e mesmo assim rapidamente", lamentando que a bicicleta de seu filho foi roubada na portaria do prédio. Nas quadras 100, os esgotos vivem estourando e escorrem pelas ruas, trazendo mau cheiro e provocando doenças. Também a rodoviária improvisada pela Viplan no Cruzeiro Velho afeta os moradores do Cruzeiro Novo, a maioria obrigada a permanecer até 20 minutos dentro do coletivo, sob sol forte, impossibilitados de cumprirem seus horários.

Cristina Esteves, outra moradora, acredita que "só mesmo com uma representação política ou mesmo uma administração regional, como uma cidade-satélite", os problemas do Cruzeiro Novo poderão ser solucionados. Ela afirma que "a única vantagem aqui é ser perto do Plano Piloto e não possuir a fama de ser lugar de banditismo que existe nas satélites", observando, no entanto, que os aluguéis subiram

muito e os mais sacrificados foram obrigados a ir morar na Ceilândia, Taguatinga, ou outra cidade mais longe de seu local de trabalho. Por um apartamento no terceiro andar, sem elevador, com três quartos e os cômodos pequenos, Cristina paga 9.500 cruzeiros, fora condomínio, luz e outras despesas.

Maria do Rosário reside há pouco tempo no Cruzeiro Novo, mas já notou que "não existe passeio, jardim ou grama, enquanto o mato e a lama proliferam em todo conjunto". Quem desce no ponto próximo ao Hospital das Forças Armadas, à noite, "o jeito é ir rezando porque a escuridão mais parece um cemitério", comentou ela. O lazer é inexistente e muitos lamentam que a opção de se ir a Água Mineral, "poderia ser aproveitada se tivéssemos uma linha de ônibus direta, já que é perto e não haveria necessidade de descer na rodoviária e tomar outro coletivo". Sem um cinema, um teatro, um clube, ou mesmo uma praça, a única saída é se dirigir ao Plano Piloto, propriamente dito, já iniciando a diversão com os gastos com transporte.

PEDIDOS

O vice-presidente da Associação Comercial do Cruzeiro, José Freitas, pretende se eleger presidente nas próximas eleições, marcadas para o próximo mês, defendendo a bandeira de uma administração regional para aquele bairro. Além do Cruzeiro Center, onde apesar da distância das residências, ainda se encontra um razoável comércio, existe o Centro Comercial do Cruzeiro, também no Cruzeiro Velho, em estado parcial de abandono. No térreo, está instalado um cinema muito bem montado, inclusive com maquinário para projeção, "que só funcionou durante um mês", conforme pode ser comprovado pelos preços de ingresso, fixado na bilheteria, ainda de 10 cruzeiros a meia e 20 a inteira. Ninguém sabe informar porque o cinema não funciona e há quem diga que "o povo destrói tudo que se tenta fazer aqui para seu próprio benefício", informou um profissional com escritório no prédio.

José Freitas lembra que já foram tentadas a instalação de uma mini-prefeitura e de uma associação de moradores, "que não receberam apoio efetivo da comunidade". Em sua opinião "só mesmo transformando isso aqui numa satélite para recebermos melhoramentos", restando as declarações de funcionários do GDF de que "nós só sabemos malhar o governo". Freitas admite que muita coisa já melhorou, alinhando os passeios que estão sendo construídos, os gramados, acreditando que "podemos colocar uma placa agradecendo o governador". Ele acha que o cinema Soleil, do Centro Comercial do Cruzeiro, poderia ser reativado, com apoio do governo ou de algum empresário, "trazendo uma opção de lazer para nossa população".

No dia 25 de junho do ano passado, a Associação Comercial do Cruzeiro levou ao GDF 14 reivindicações, sendo que duas já foram atendidas, e que se referem ao fechamento do comércio ilegal, que não trouxe nenhum benefício aos moradores do Cruzeiro Velho; e a instalação de dois postos de saúde (já existem estudos para a implantação de pelo menos um).

Os comerciantes pedem ainda a instalação de uma gincina do Banco Regional de Brasília; áreas de lazer; término da urbanização; complementação da pista que liga o Setor Militar Urbano ao Parque Rogério Pithon Farias, via HFA; Mercado Modelo, tipo Sobradinho; Clube de Vizinhança; colocação de placas indicativas nos estacionamentos de táxi; criação de um setor hoteleiro nas proximidades da estação ferroviária; ligação do Cruzeiro Velho ao Novo, através de pistas laterais.